

# Em busca da MORTE

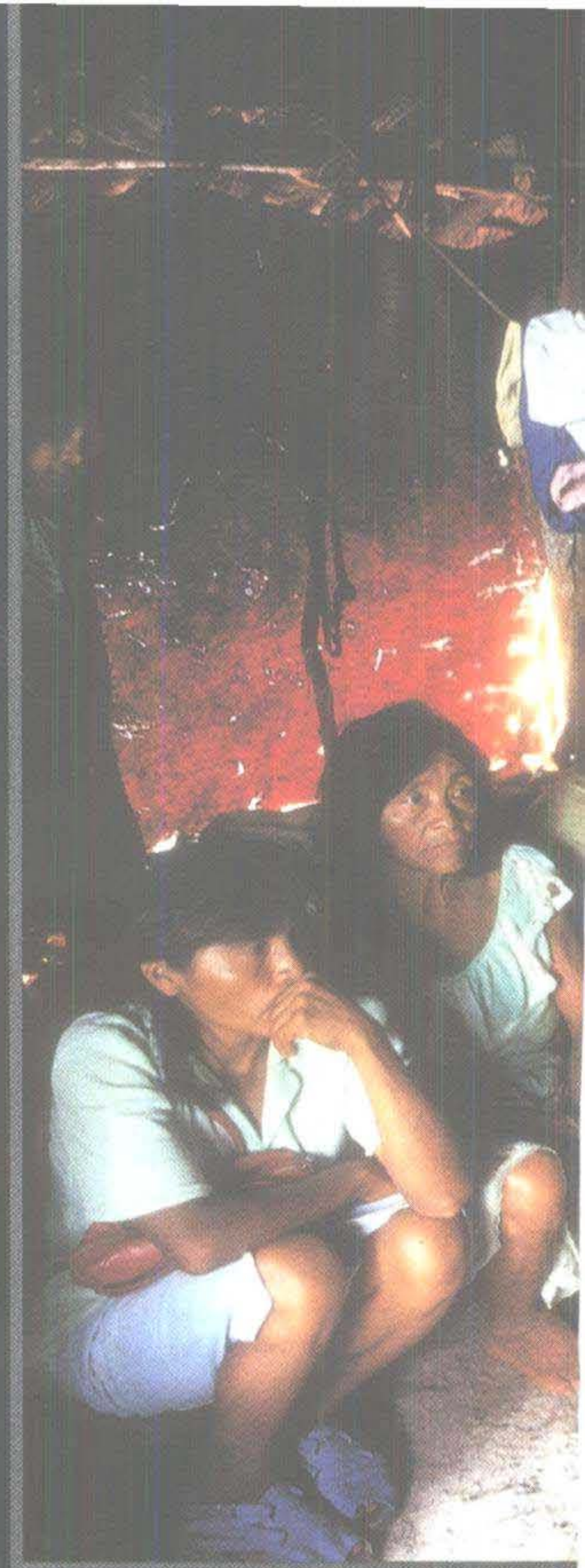
Como e por que os índios guaranis-kaiwás estão se matando

por EUNICE PINHEIRO, de Dourados (MS)

**S**ete de novembro de 1995. Fim de tarde de uma terça-feira. Dona Terezinha encontra o filho, de 18 anos, ainda agonizando. Amarrado a um pé de angico, a 200 metros de casa, Reginaldo havia se enforcado com a própria calça. Não se pendurou, como a maioria dos suicidas faz. Estava ajoelhado, forçando o corpo para baixo e pressionando o pescoço com as mãos. Minutos antes, já temendo o suicídio, dona Terezinha retirara o cinto e a camisa do rapaz. Correu até a casa, em busca de ajuda, mas quando voltou já era tarde. Num espaço de dois anos, ela teria de enterrar o segundo filho vítima de suicídio. O motivo ela resume numa só palavra: "tristeza".

E é essa tristeza que parece ter to-

mado conta dos índios guaranis-kaiwás nas aldeias de Dourados, no Mato Grosso do Sul. Só no ano passado, 56 deles, com idade entre 10 e 20 anos, se suicidaram. Nos últimos treze anos, foram 258 suicídios e um número bem maior de tentativas frustradas. Houve casos de pessoas que tentaram a morte até seis vezes. De acordo com a Fundação Nacional do Índio, Funai, 57% eram homens. A maioria das mortes, por enforcamento. Proporcionalmente, os guaranis-kaiwás se matam quase seis vezes mais que os húngaros — os campeões mundiais do suicídio, segundo as estatísticas oficiais. Na Hungria, o índice de 38,2 suicídios para cada grupo de 100 mil habitantes é considerado assombroso.



Os kaiwás são hoje cerca de 25 mil, confinados em territórios que somam 18 297 hectares. Parte dessas terras está arrendada a fazendeiros da região. Alguns pagam 100 reais pelo aluguel de dois anos de glebas de 16 hectares. Sem trabalho, os índios também são alvos fáceis dos caras-pálidas donos de usinas de álcool. Avá-Rendy, de 17 anos, trabalha como bóia-fria. Durante um ano, juntou dinheiro para comprar sua bicicleta. No negócio, gastou 200 reais. Exatamente o que ganha em cinquenta dias de trabalho, cortando cana em jornadas de até dez horas sem descanso. "O contrato dos brancos é diferente. Branco sabe negociar com branco. Sabe falar", diz, resignado.

As aldeias viraram favelas ao redor

# Só no ano passado, 56 índios preferiram morrer

desejo de ser branco. Um desejo inalcançável. "O branco aparece como modelo de sucesso. Isso gera um sentimento de inferioridade e frustração", teoriza Shitoshi, que trabalha com os kaiwás há dezoito anos. Isso, segundo o antropólogo, explica ainda porque os jovens se matam mais. "Eles têm uma tendência maior de procurar o modo de vida do branco. A pressão sobre eles é muito maior."

**N**a fila dos candidatos ao suicídio, os adolescentes se mantêm calados. Nos primeiros dias de 1996, uma menina de dez anos se matou envenenada. Quem será o próximo, ninguém sabe ao certo. Só se sabe que haverá outros. Avá-Rendy, o menino da bicicleta, acha o suicídio um absurdo, mas acrescenta que "na certa, quem se mata não gosta da miséria". Timido, ele gagueja e treme quando conversa com brancos. Aos poucos vai falando sobre a vida na aldeia e, no final, desabafa: "Eu queria ser branco. Branco tem grana. Tem capacidade". Os sonhos de consumo de Avá-Rendy são comprar uma televisão e ter água para tomar banho todos os dias. Seu companheiro nos passeios de bicicleta, Maurino Dias, faz coro: "Branco pode servir ao Exército, sabe conversar e sempre tem dinheiro. A vida do branco é boa". Maurino parou de estudar na 5ª série. Como os demais índios, ele estudava em escolas de brancos. Mas acabou largando as aulas "porque não tinha dinheiro, precisava comprar caderno grande e não podia".

De olho na televisão, Avá-Rendy e Maurino tentam imitar o palavrório. Falam "grana", "gata" e outras gírias e têm aversão ao casamento. Nunca tiveram namoradas, mas acham que deve ser "legal". "A gente queria namorar uma branca, mas elas nunca ligam pra gente", reclama Avá-Rendy, fã das atrizes globais Cláudia Raia e Adri-

ana Esteves. "Eu queria namorar elas, mas já que não tem jeito..." Sobre o futuro, Maurino diz apenas: "Tomara que melhore. Senão, piora". Uma resposta simples de quem já não é mais índio e nunca será branco.

No meio de tanta aflicção, a máquina da fé propagou-se rapidamente. Na região de Dourados existem quinze igrejas diferentes. Além de pentecostais, evangélicas e católicas, há outras que nem nome têm. São chamadas de "igreja do pastor Fulano de Tal". O conflito começa quando as religiões ensinam a existência de um único deus. Originalmente, os kaiwás adoraram trinta deuses. Um cuida da floresta (que não existe mais), outro dos



## MISÉRIA E ABANDONO

*Nos pequenos barracos de um só cômodo, onde famílias de até oito pessoas se amontoam, os guaranis-kaiwás passam fome e, quando adoecem, não têm assistência alguma. Para sobreviver, muitos caem na mendicância e na prostituição.*



GETÚLIO JORGE E MARIA JORGE

da cidade. Os índios andam até um quilômetro carregando água. Falta rede de esgoto e energia elétrica. As cabanas são cobertas com palha e plástico. Têm só um cômodo, onde famílias de sete ou oito pessoas se amontoam. As crianças, subnutridas e barrigudas, não têm assistência médica. Passam fome. A situação de miséria entre os kaiwás tem empurrado muitos índios para a prostituição, o crime e a mendicância. É comum encontrá-los catando lixo para comer nas ruas da cidade ou pedindo esmolas na rodovia que cruza a reserva. Bebem cachaça como se fosse água. Apesar de ser proibido vender bebida alcoólica a eles, os brancos têm aí um grande negócio.

Em 1986, a psicóloga Maria Apareci-

da Pereira começou a investigar o fenômeno do suicídio entre os kaiwás. O resultado de seis anos de trabalho está no livro *Uma Rebelião Cultural Silenciosa*, editado pela Funai após a morte da psicóloga. Para Aparecida, o principal motivo da onda suicida é o confinamento de muitos índios em pequenos territórios e, conseqüentemente, a escassez de terra. Em seguida, ela enumera a miséria, a desestruturação da família com a ausência dos homens durante as temporadas de trabalho, as seitas religiosas que assediam os índios e a perda do "universo mágico religioso".

Os índios mais velhos já pensam diferente. Para eles, o suicídio é uma doença, fruto de feitiços feitos por índios maus. A doença ataca a palavra, uma

das três almas que o índio possui. Prova disso, segundo eles, é que a maioria dos suicidas prefere o enforcamento, que antes de tudo aniquila a voz. No seu livro, a psicóloga Maria Aparecida explica: "O suicídio por enforcamento, no dizer dos índios, implica no sacrifício da palavra, perda da voz-canal de ligação com o divino e, por extensão, no sacrifício da alma divina". No esforço de combater a "praga", os pajés fazem maratonas de rituais e expulsam os índios suspeitos de feitiçaria.

A tristeza que está matando os índios tem uma outra conotação para os antropólogos que estudam os kaiwás. Celso Shitoshi Aoki, do Centro de Trabalho Indigenista, acredita que a "tristeza" é a vergonha de ser pobre e o

